

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUI - UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

GUILHERME JORGE RODRIGUES CARVALHO

**IDENTIDADES E REDES: O TRABALHO DOS PESCADORES DO DELTA DO RIO
PARNAÍBA**

**PARNAÍBA - PI
2016**

GUILHERME JORGE RODRIGUES CARVALHO

**IDENTIDADES E REDES: O TRABALHO DOS PESCADORES DO DELTA DO RIO
PARNAÍBA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual do Piauí como um dos pré-
requisitos para a conclusão do curso de
Licenciatura Plena em História.

Orientador: Profº. Dr. André Aguiar Nogueira.

**PARNAÍBA - PI
2016**

C331i

Carvalho, Guilherme Jorge Rodrigues.

Identities e Redes: O Trabalho dos Pescadores do Delta do Rio Parnaíba. / Guilherme Jorge Rodrigues Carvalho - Parnaíba: UESPI, 2016.

43 f.

Orientador: Prof.. Dr. André Aguiar Nogueira.

Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual do Piauí, 2016.

1. Cultura 2. Identidade 3. Pesca 4. História I. Nogueira, André Aguiar II. Universidade Estadual do Piauí III. Título

CDD 301.2

GUILHERME JORGE RODRIGUES CARVALHO

**IDENTIDADES E REDES: O TRABALHO DOS PESCADORES DO DELTA DO RIO
PARNAÍBA.**

Trabalho de Conclusão de Curso para
obtenção do título de Graduação em
Licenciatura Plena em História,
apresentado à Universidade Estadual do
Piauí- UESPI.

APROVADA EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Profº. Dr. André Aguiar Nogueira – UESPI/Parnaíba
Orientador

Ivanilda Sa Quixaba Ferreira
Examinador Externo

Daniel Souza Braga
Examinador Interno

Dedico...

A minha família e amigos, com amor, admiração e gratidão por sua compreensão, carinho, presença e incansável apoio ao longo do período de elaboração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me conceber a vida e a graça da sabedoria de conduzir as dificuldades enfrentadas no decorrer da vida.

À minha querida mãe, Ana Célia Rodrigues Carvalho e de forma alguma poderia deixar de mencioná-la neste trabalho, pois foi a pessoa que mais acreditou em mim e que me incentivou a buscar meus objetivos. Ao meu pai, Alberto Jorge da Costa Carvalho que sempre acreditou que eu era capaz vencer as adversidades e concluir minhas metas.

A minha avó Dinah Rodrigues que sempre foi presente e ao meu falecido avô Antônio João que sempre teve orgulho de mim e me incentivou ao crescimento.

A minha irmã Gisele Rodrigues Carvalho por sua ajuda direta e indireta nos momentos difíceis dessa etapa chamada de graduação.

E não esquecer meus grandes amigos que tanto me incentivaram e passaram pelos “perrengues” juntos e unidos como Fábio Junio, Sara Cristina, Velton Costa, Jorge Cruz, Pedro Vagner, Láila Daniela, Edgleison Souza, Joelson Ferreira, Eduardo Neto, Thalita de Souza que não só amiga e também colega inseparável de turma e aos demais amigos que ajudaram de forma direta ou indireta como Hélio Alves, Dany Vick, Washington George, Rafael Fontenele com as conversas nos chás da tarde sempre produtivas e enriquecedoras que fazem parte dessa etapa que foi concluída.

Aos professores que ajudaram com suas indicações de leitura, orientações, concelhos e conversas descontraídas e principalmente os professores Dr. André Aguiar Nogueira meu orientador, nosso eterno “Mestre” André com suas frases de efeito e a sua ajuda foi fundamental para a construção desta pesquisa. Ms. Daniel Braga, seus incentivos, indicações e saídas marotas. Dr. Marta Rovai, mas que amiga, nossa segunda mãe. Professora Ivanilda Sá, que acreditou nesse trabalho desde o pré-projeto e ao Professor Quixaba, sempre muito próximo e com suas aulas marcantes.

Enfim, pela compreensão de minha família que muitas vezes estive longe em congressos, rodas de estudo, debates e viagens afins. Como os amigos que por muitas vezes foram os pilares na construção dos meus sonhos e amparo diante das dificuldades encontradas seja em casa, no trabalho e na instituição. Muito obrigado a todos que participaram de forma direta ou indireta dessa etapa que está sendo concluída.

E por fim aos pescadores colaboradores desse trabalho, meu grande agradecimento.

Toda ação humana, quer se torne positiva ou negativa, precisa depender de motivação.

Dalai Lama

RESUMO

O Presente trabalho tem como objetivo analisar as memórias e práticas relacionadas à pesca artesanal em Ilha Grande do Piauí, contribuindo para sua historiografia ainda pouco explorada foram apresentados aspectos gerais sobre sua formação. Os pescadores artesanais com suas peculiaridades, mostram um panorama da cultura do Delta do Rio Parnaíba, cultura de uma população intimamente ligada com a natureza que é marca da beleza do delta. A cultura do pescador é viva que em nada se parece estática, que mesmo a parte do processo de desenvolvimento trago pelo turismo, se mantém viva e orgulhosa do espaço que habitam e das técnicas que dominam. Para tanto, será utilizada como fontes, pesquisa bibliográfica com a utilização de livros, monografias, jornais, músicas, além de realizações de entrevistas e procedimentos da História oral.

PALAVRAS-CHAVES: Cultura. Identidade. Pesca. História.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the memories and practices related to artisanal fisheries in Ilha Grande with Piauí, contributed to his historiography still underused were presented general aspects of their training. Artisanal fishermen with their peculiarities, show an overview of the Delta culture of Rio Parnaíba , culture of a population closely linked with nature 's beauty mark Delta . Fisherman's culture is alive that is nothing like static , even the part of the development process bring in tourism , remains alive and proud of the space they inhabit and the techniques that dominate . For this purpose, it will be used as sources literature to the use of books, papers , newspapers, music , and outputs interview procedures , and oral history.

KEY WORDS : Culture. Identity. Fishing. History

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: MAPA DA AREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL – APA

Figura 2: FOTO PESCADOR – PORTO DOS TATUS

Figura 3: FOTO PESCADORES DESALAGANDO CANOA

Figura 4: FOTO PESCADORES PREPARANDO A CANOA PARA A PESCA

Figura 5: FOTO CANOAS À ESPERA DOS PESCADORES

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1: TERRITÓRIO PROTEGIDO.....	12
1.1 O espaço e o saber.....	12
1.2 Unidade de Conservação – Área de Proteção Ambiental (APA).....	13
CAPÍTULO 2: A IDENTIDADE E O PESCADOR.....	19
2.1 Identidade e sujeito.....	19
2.2 Oralidade cultural.....	23
CAPÍTULO 3: HISTÓRIA ORAL DOS PESCADORES DE ILHA GRANDE DO PIAUI.....	29
3.1 O conceito de família: os pescadores e a comunidade.....	29
3.2 Identidade e a relação com ao espaço.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	41

INTRODUÇÃO

O Delta do Rio Parnaíba é um espaço cheio de significados para àqueles, que nele residem e tem sua dependência nele, falar dos pescadores do Delta é falar da história de um lugar, que vive de seus, mitos, suas peculiaridades e que segue um fluxo próprio no seu modo de vida. Este trabalho surgiu de pesquisas realizadas pelo grupo de pesquisa Cidade, Cultura e Identidade, na comunidade Canárias, partindo dessa experiência, tive o interesse de trabalhar a temática em meu trabalho de conclusão de curso.

Durante esse período de experiência na Ilha das Canárias, por meio das entrevistas realizadas, pode perceber a riqueza, e o grande significado desse ofício, e do próprio lugar para seus moradores, entrevistas essas que contam histórias e suas experiências que muito dizem em relação a própria história do Delta do rio Parnaíba.

A pesquisa teve como seu agente principal o pescador, esse que tem sua luta diária associado ao trabalho da pesca, seja no rio ou no mar, pois o delta tem sua porta aberta para o mar, levando também um comunicação com pescador ao mar. Com essa pesquisa visou levar ao meio acadêmico a discussão acerca, do conhecimento dos saberes e fazeres de moradores das comunidades tradicionais do Delta.

Utilizando como método de pesquisa a história oral, enfatizando sobre essa prática e costumes, como elas foram e são produzidas diariamente e essa relação de proximidade com a natureza ajudou a construir uma cultura dinâmica. Portanto esse estudo de campo tem grande relevância social e cultural, sendo que ele permite uma reflexão sobre os saberes locais, formas de ver e de fazer características da região, baseado na memória dos próprios moradores, principais agentes históricos, problematizando a importância de suas memórias, e suas experiências sociais.

Apresentamos no primeiro capítulo desta monografia o perfil do município de Ilha Grande do Piauí, realçando a identidade dos pescadores artesanais deste município, como se institucionaliza o espaço e o poder; a relação desses grupos de pescadores artesanais inseridas na Área de Proteção Ambiental do Delta do

Parnaíba; o processo de ocupação desse território; a economia, bem como a classificação da função de pescador e a sistematização dos pescadores artesanais.

No segundo capítulo, a identidade do pescador artesanal do município de Ilha Grande do Piauí corrobora com a identificação desse grupo social, seus hábitos, seus costumes, sua organização político-social e como a cultura solidifica essa cultura e as relações interpessoais entre os grupos de pescadores.

O terceiro capítulo realça a importância da história oral na concepção local para apreender como os pescadores artesanais do município de Ilha Grande do Piauí apresentam suas particularidades como grupo social e como interagem com a sociedade local. Suas histórias, experiências e vivências que ficam escondidas no discurso do Delta apenas como beleza natural, que coloca a população apenas figuras do espaço deltaico.

Para esse trabalho foram fundamental a colaboração de pescadores e pescadoras para apresentar as peculiaridades da pesca e de seus principais agente os pescadores, tivemos a colaboração de dona Maria de Jesus Sales da Rocha, pescadora, 55 anos pescadora do Delta que criou seus filhos com trabalho no rio. Manoel João da Silva, agricultor aposentado, 76 anos que tem uma grande memória acerca de Ilha Grande do Piauí.

Maria de Jesus do nascimento, pescadora aposentada, 75 anos de idade. Essas pessoas embora tenha um certa idade, mesmo que pouco ainda exercem a pesca, tem uma ligação muito forte com ofício, atualmente é muito difícil encontra jovens que tem uma relação direta com a pesca, este muitas vezes fogem da pesca por meio do trabalho e do estudo por ser esse um trabalho árduo, o que requer tempo e paciência.

CAPÍTULO 1 TERRITÓRIO PROTEGIDO

1.1 O espaço e o saber.

O Delta é em que se tornam possíveis atividades de identificação, registro e salvaguarda da cultura de uma nação, de um povo, ou de grupos sociais, incluindo-se todos os “saberes-fazeres” engendrados pela especificidade de cada sociedade constituída. Nesse contexto, a História agrega todos os integrantes da vida sócio-econômico-política de um determinado território, não importando se a identidade desses membros tem alcance local ou universal.

As pessoas compartilham histórias e memórias coletivas e de organização social próprios, ou seja, estão ligadas por um passado comum, mesma língua, costumes, crenças e saberes coletivamente partilhados. Cultura e memória fazem com que essas se identifiquem aos valores do grupo e se reconheçam e partilhem traços em comum, que é a apreensão da identidade cultural de um determinado grupo social sem sobrepujar a diversidade cultural inerente a cada um deles.

Para Paul Thompson a estrutura não só consegue explicar o mundo, ele considera como ponto importante a cultura. Por meio das experiências observadas, pesquisamos a identidade dos pescadores artesanais da região do município de Ilha Grande do Piauí, inserida na Área de Proteção Ambiental do Delta do Rio Parnaíba, objetivando sistematizar como é o processo de formação desta identidade e como é o processo formativo dos saberes e fazeres desse grupo social.

Os pescadores têm conhecimentos únicos pautados nas suas vivências. Saber o tipo de malha correta para pescar determinada espécie de peixe, o período de reprodução dos pescados e os melhores lugares para pescar são saberes que reúnem atitudes e condições materiais, diferente das outras formas de apropriação de recursos, como a manipulação perpetrada pelas sociedades industrializadas – a obsessiva utilização do processo. Esse conhecimento é considerado pelos estudiosos como manejo, que é derivado de atitudes e saberes comungados pelo respeito ao “tempo” que o meio ambiente requer para a conservação e perpetuação dos recursos naturais.

Esses saberes são repassados às gerações seguintes através da oralidade. Thompson afirma que “a tradição dessas técnicas particulares, dá-se

igualmente a transmissão de experiências sociais ou da sabedoria comum da coletividade” (THOMPSON, 2005, p. 18). Dessa maneira a formação de um pescador se dá através de ensinamentos pelos mais velhos e das suas experiências enquanto profissional do rio e do mar. Por outro lado, sobre a sabedoria, Diegues (1983, p. 195) afirma que “os pescadores a adquire não somente pela experiência, mas indo pescar e ouvindo os mais velhos”.

Os pescadores artesanais do município de Ilha Grande do Piauí habitam a ilha fluvial-marinha Ilha Grande de Santa Isabel situada no Delta do Rio Parnaíba. Estando esta dentro da Área de Proteção Ambiental (APA) pela Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000 e têm como característica de grupo social o desenvolvimento adaptado ao meio ambiente que é percebido pela atividade econômica para a sua subsistência – a pesca artesanal.

1.2 Unidade de Conservação – Área de Proteção Ambiental (APA)

A Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000, institui o Sistema de Gerenciamento Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), que estabelece os critérios e as normas para a criação, implantação e gestão das unidades de conservação brasileiras. Entende-se por Unidade de Conservação:

[...] espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção (art. 2º, I, da Lei 9985/2000).

As Unidades de Conservação se dividem em dois grandes grupos específicos, que são: Unidade de Proteção Integral e Unidade de Uso Sustentável. O grupo de Unidade de Proteção Integral é composto por cinco categorias de unidades de conservação: Estação Ecológica, Reserva Biológica, Parque Nacional, Monumento Natural e Refúgio da Vida Silvestre. O grupo das Unidades de Uso Sustentável é constituído por sete categorias de unidades de conservação, são elas: Área de Proteção Ambiental, que é o foco de pesquisa deste trabalho, Área de Relevante Interesse Ecológico, Floresta Nacional, Reserva Extrativista, Reserva de

Fauna, Reserva de Desenvolvimento Sustentável, Reserva Particular do Patrimônio Nacional. (Lei nº 9.985/2000, art. 14).

[...] Importa ressaltar que, as Unidades de Conservação podem ser criadas por ato do Poder Público, como se refere o art. 22 da Lei nº 9.985/2000. Nada impede, contudo, que a lei, também, seja um instrumento de iniciativa para a sua criação. As Unidades de Conservação insere-se no conceito de área protegida, levando-se em conta a sua definição, que é uma área definida geograficamente, destinada ou regulamentada, e administrada para alcançar os objetivos específicos da política nacional de conservação. Insere-se, neste contexto, a conservação da diversidade biológica característica do meio ambiente pátrio (art. 2º), promulgada pelo Decreto nº 2.519/98, publicado no Diário Oficial da União em 17 de março de 1998. (MACHADO, 2009, p. 822).

A Lei nº 9.985/2000, define no seu art. 15, o que é Área de Proteção Ambiental. Diz o referido artigo, que:

[...] Art. 15, *caput*. A Área de Proteção Ambiental é uma área em geral extensa, com um certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais. § 1º A Área de Proteção Ambiental é constituída por terras públicas ou privadas.

Constitucionalmente, é nesse território que os pescadores artesanais do município de Ilha Grande do Piauí vivem, trabalham e formam a sua identidade como grupo social. Os pescadores tiveram que adaptar suas vidas, com as implementações feitas por lei partindo das diretrizes de proteção ambiental, sendo que seus modos de vida sofreram alterações também por conta dessas leis empregadas.

1.3 Área de Proteção Ambiental do Delta do Parnaíba



Figura 1: Mapa da Área de proteção ambiental do Delta do Parnaíba. Fonte: Comissão Ilha Ativa . Link de acesso <http://comissaoilhaativa.org.br/realizada-reuniao-para-renovacao-do-conselho-consultivo-da-apa-delta-do-parnaiba/mapa-apa-delta-do-parnaiba-2/> , Acesso em: 30/06/16

O mapa mostra a demarcação do território que corresponde a Área de Proteção do Delta do Parnaíba foi criada pelo Decreto Federal de 28 de agosto de 1996, envolvendo áreas dos estados do Maranhão, Piauí e Ceará, num total de 313.809 e com um perímetro de 460.812 m² de extensão, incluindo a área marítima.

Considerando-se a totalidade da superfície das unidades municipais, a areada APA do Delta do Parnaíba se estende por 7.189,8 km² e está sujeita às influências de seu entorno, especialmente pela força da ação humana e de fatos naturais, como a drenagem e os fatores climáticos. Correspondem ao Maranhão as terras dos municípios de Tutóia, Araisos, Água Doce e de Paulino Neves; no Piauí, inclui parte do território de Parnaíba, Luís Correia, de Ilha Grande do Piauí e Cajueiro da Praia; no Ceará, parte dos municípios de Chaval e Barroquinha. Tal extensão, art. 2º, a delimitação foi definida com base nas cartas topográficas da Diretoria do Serviço Geográfico do Exército.

Os objetivos para a criação da APA do Delta do Parnaíba são:

- I. Proteger os deltas dos rios Parnaíba, Timonha e Ubatuba, com sua fauna, flora e complexo dunar;

- II. Proteger remanescentes de mata aluvial;
- III. Proteger os recursos hídricos;
- IV. Melhorar a qualidade de vida das populações residentes, mediante orientação e disciplina das atividades econômicas locais;
- V. Fomentar o turismo ecológico e a educação ambiental;
- VI. Preservar as culturas e as tradições locais.

A APA do Delta do Parnaíba, pela sua extrema originalidade, requer atividades inerentes a um plano de gestão fundamentado na cooperação mútua entre o poder público e as comunidades. Ressaltamos que, além das características de cada unidade geoambiental, das suas potencialidades e restrições de uso, é imprescindível a consideração dos limites municipais em função da operacionalidade das articulações necessárias ao processo de gestão. (IBAMA, 1995).

O Decreto nº 6.902/96 prevê em seu art. 5º as atividades que serão proibidas e restringidas, tais como:

- I. Implantação de atividades salinares e industriais potencialmente poluidoras, que impliquem danos ao meio ambiente e afetem os mananciais de água;
- II. Implantação de projetos de urbanização, realização de obra de terraplanagem, abertura de estradas e de canais e a prática de atividades agrícolas, quando essas iniciativas importarem em alteração das condições ecológicas locais, principalmente nas zonas de vida silvestre;
- III. Exercício de atividades capazes de provocar erosão ou assoreamento das coleções hídricas;
- IV. Exercício de atividades que impliquem matança, captura ou molestamento de espécies raras da biota regional;
- V. Uso de biocidas e fertilizantes, quando indiscriminados ou em desacordo com as normas ou recomendações técnicas oficiais;
- VI. Despejo no mar, nos manguezais e nos cursos d'água abrangidos pela APA, de efluentes, resíduos ou detritos, capazes de provocar danos ao meio ambiente;
- VII. Retirada de areia e material rochoso nos terrenos de marinha e acrescidos, que implique alterações das condições ecológicas locais.

Mas o que se pode observar é que em muito a região vem sofrendo com os empreendimentos que veem se instalando cada vez de forma mais evidente. Um grande exemplo são os parques eólicos, que embora carreguem o nome de energia limpa, causam muitos impactos para os moradores do Delta. Seja o desapropriamento de suas terras ou impactos ambientais que interferem no seu modo de vida, já que são comunidades intimamente ligadas a natureza. Com a implantação dos parques houve a derrubada de árvores nativas que eram usadas tanto para o artesanato, como para extração de frutas para comercialização, perda de território com a privatização de um espaço que antes era de acesso para os moradores criarem seus animais.

Um outro ponto a ser apresentado é o cuidado dos grandes exploradores do turismo da região em relação ao cuidado do impacto humano dentro da região do Delta, pois os resíduos das lanchas que trafegam com turistas nesse espaço são despejados no rio sem nenhum tratamento, muito moradores reclamam da sujeira, da falta de cuidado, o que para turista é um dia de lazer, para o morador pode custar muito caro, sendo que do rio ele tira todo seu sustento.

A transformação da região deltaica em Área de Proteção Ambiental do Delta do Rio Parnaíba, sistematizada nos seus aspectos institucionais nos parágrafos anteriores, solidifica a vocação natural desses municípios para o desenvolvimento do ecoturismo e manutenção artesanal de suas atividades econômicas, como a pesca praticada pelos pescadores do município de Ilha Grande do Piauí e suas contribuições para os “saberes-fazer” culturais da região.

1.4 Economia

A economia da região do Delta está basicamente atrelada a economia de subsistência, os que moram na região tiram seu sustento na pesca artesanal, no extrativismo, e na criação de animais para comercialização. São pessoas como modo de vida simples que desde sempre aprenderam que da terra advém todo seu sustento, que dela pode-se tirar tudo aquilo que se precisa.

Partindo da colonização desse espaço a região que corresponde ao Delta do rio Parnaíba, teve como base da sua economia os recursos naturais disponíveis na região, durante muito tempo a carnaúba conhecida como árvore da vida foi a

maior fonte de riqueza extraída dessa região, que até hoje é uma fonte vida de riquezas exploradas.

Atualmente quando se fala em economia, é impossível não citar o turismo, por conta da grande riqueza de recursos naturais o Delta tornou-se um dos maiores roteiros desejados por turistas. Os recursos naturais apresentados pela região, são próprios para exploração do turismo uma vez que o turismo é fundamentado no consumo do próprio meio ambiente¹.

Os recursos naturais que compõe o Delta como já foi citado nesse trabalho estão protegidos pela criação da APA delta do Parnaíba, nesse contexto pode-se dizer que o turismo poderia ser um instrumento de conservação e proteção do meio ambiente, porém é impossível haver uma relação onde não haja transformação dos elementos ambientais, mesmo que positivamente, os elementos negativos sempre estarão presentes.

As formas de ocupação e o uso do território refletem modos de organização social, produzidos e articulados por relações sociais de produção e processos culturais. Tais relações sociais constituem sistemas de produção, organizados para explorar os recursos naturais e humanos de acordo com as necessidades de reprodução das comunidades locais. (CAMPOLINA, 2000).

Nesse contexto, insere-se a pesquisa da identidade masculina dos pescadores artesanais do município de Ilha Grande do Piauí – 1994 – 2013 e a influência do espaço na consolidação dessa comunidade e da cultura, onde a pesca artesanal é ainda a atividade econômica preponderante daquele território. A escolha do período de 1994 – 2016 se dá por conta da emancipação da cidade em 1994, sendo está tendo uma visibilidade maior por conta do turismo proveniente das belezas naturais da região, belezas essas que também são o sustento do pescador até 2016, para que seja apresentado um quadro mais atual de como o modo de vida dos pescadores vive em paralelo com toda visibilidade do delta do Parnaíba.

A Organização Internacional do Trabalho define como pescadores os trabalhadores que se dedicam à captura de pescado e exercem as funções de membros das tripulações de barcos pesqueiros, executando diversas tarefas de pesca de altura – no caso dos pescadores marítimos – ou tarefas específicas de pesca de água doce e águas costeiras, bem como os coletores de esponjas e

¹ BENI, M. C. (2004). Análise Estrutural do Turismo. (4. ed.). São Paulo, Senac.

pérolas, algas e sargaços, moluscos e crustáceos, os ostricultores, baleeiros e caçadores de focas.

A atividade pesqueira apresenta diferentes formas de produção e tipos de pescadores, dependendo da intenção ao explorar o meio marítimo, onde constatamos a diversidade dos grupos de pescadores traduzida num comportamento distinto em relação às forças da natureza (MALDONADO, 1986, p. 12). Assim sendo, a organização da produção, os sistemas de partilha do produto e suas vias de comercialização tem sido a base para classificar os tipos de pescadores, além de ser considerada a forma de propriedade das embarcações e do instrumental de trabalho, o sistema de divisão do produto, a constituição e o referencial de recrutamento dos grupos de trabalho, o acesso aos lugares de pesca e, naturalmente, as relações que prevalecem entre os membros das tripulações (*Idem*, *ibdem.*, p. 13)

CAPÍTULO 2

A IDENTIDADE E O PESCADOR

2.1 Identidade e sujeito

Deve-se realçar que, assim como o conhecimento, e as vivências experienciadas pelos saberes e fazeres de um grupo específico forjam a identidade do ser humano, o meio ambiente também é decisivo para determinar aspectos culturais de um território, como bem nos lembra Simone Maldonado (Apud DIEGUES, 1983), trata-se do “particularismo da gente do mar”, considerando-se que o mar enquanto meio arriscado, indivisível e inapropriável juridicamente, forja um tipo específico de sujeito trabalhador e cuja relação com a natureza é estruturalmente diferenciada dos demais tipos de trabalhadores (MALDONADO, 1986, p. 7).

Os pescadores de Ilha Grande do Piauí aproveitam os vários igarapés que os rios formam nessa região e saem em suas canoas a remos ou rabetas para exercerem a pesca. Essa prática é realizada utilizando redes, tarrafas, caçoeiras e pesca de anzol e é comum encontrarmos ambos os sexos pescando. Outro detalhe importante é que a pesca em Ilha Grande do Piauí se caracteriza geralmente como

uma atividade passada de pai para filho, artesanalmente, corroborando com o enunciado acima:

Um dos traços que prevalecem entre pescadores artesanais é a importância da família como unidade de produção e consumo. A organização da força de trabalho familiar entre pescadores marítimos se caracteriza basicamente pela coexistência de dois tipos de unidade produtiva: a família e a tripulação dos botes. Estas unidades se diferenciam sobretudo com relação ao universo produtivo de cada uma delas e à classificação das tarefas desempenhadas pelos grupos de sexo e idade.

A história oral é ferramenta fundamental para perceber aspectos presentes na oralidade de população que tem suas tradições repassadas pela tradição oral, as comunidades de pescadores repassam seus conhecimentos por meio de conversas e tudo é repassado por esse mecanismo, e assim é por gerações.

Sabendo que o tempo da cidade não é mesmo da natureza, sendo que para o pescador o que dita suas regras de trabalho é natureza, a hora de sair, a hora de voltar, o quanto o trabalho vai resultar, em nada o pescador faz seu tempo senão ligado ao que a natureza dita, para o tempo da cidade que é ditado pelas 24 horas do relógio nada diz sobre sua vida de trabalho nas águas.



Figura 2: Pescador saindo na canoa: Fonte; José Edes Pereira Morato

Na imagem acima o pescador se apresenta inserido no meio de trabalho. É no rio que o pescador passa grande parte da sua vida, tem sua canoa uma grande ferramenta que possibilita o acesso aos locais de pesca, suas próprias vestes características dos homens que trabalham nos rios e igarapés do delta.

Pretendemos apreender a identidade do pescador na cidade de Ilha Grande do Piauí é respaldada nos saberes e fazeres dos pescadores da região. O pescador é o pai de família, filho ou irmão mais velho e, que, por conta do imaginário construído em cima da figura masculina, é significativa para o sujeito – é o homem que deve prover a casa com o seu trabalho e proteger seus entes familiares.

Esta estrutura familiar confirma o que Maldonado (1986, p.19) elucida:

Tradicionalmente as mulheres têm sido excluídas da pesca de *alto*, sendo largamente conhecidos os mitos existentes sobre a sua presença nas embarcações e até mesmo o perigo do seu contato com o instrumental de trabalho dos homens. Em alguns grupos tal contato só é considerado perigoso e, conseqüentemente, proibido, em determinados momentos da vida feminina, como a menstruação ou o puerpério. Em outros grupos a mulher nunca entra nos botes e nem deve, em qualquer hipótese, tocar nas redes, arpões, anzóis, espinheis etc., sob pena de atrair reveses e prejuízos à atividade masculina no mar. (MALDONADO, 1986, p.19)

A simplicidade da tecnologia e o baixo custo da produção produzindo com grupos de trabalho formados por referenciais de parentesco, sem vínculo empregatício entre as tripulações e os mestres dos botes, conceitua a categoria de pescador artesanal. Esse tipo de pescador tem na pesca a sua principal fonte de renda, e a produção volta-se para o mercado, sem perder o seu caráter alternativo, podendo destinar-se tanto ao consumo doméstico como à comercialização.

Os pescadores artesanais, ou autônomos, têm acesso à atualização da pesca proveniente do contato direto com o mercado e as fontes de financiamento, principalmente armadores ou cooperativas de pesca. Dependem também de intermediários para comercializar o pescado devido à perecibilidade deste e a falta de recursos para transportá-lo aos mercados mais distantes.

A legislação brasileira não define legalmente o artesanato pesqueiro, mesmo a produção nacional estar integrada também por essa categoria. Por outro lado, o perfil do pescador artesanal respalda-se naquele que exerce a profissão em caráter permanente ou temporário, podendo alternar ou complementar a pesca com

quaisquer outras atividades econômicas, trabalhando por conta própria ou em regime de economia familiar, pago pelo sistema de *partes* e sem um mínimo garantido.

Em todo o mundo, a pesca artesanal contrasta com a produzida industrialmente, onde se inserem os pescadores industriais e os assalariados. Países como o Equador, a Colômbia, o Peru e o Japão reconhecem legalmente a figura do pescador artesanal. Nesses países, pescadores artesanais são todos os produtores marítimos que se exerçam num contexto de artes menores, ou de pequena escala, organizados ou em cooperativas ou associações profissionais, trabalhando por conta própria, em termos de empresa familiar, e geralmente domiciliados nos núcleos onde ancoram suas embarcações (*Idem, ibidem.*, p. 16).

A independência tem sido vista como mais um traço adaptativo do pescador, que se confronta sempre com o afastamento da terra e com a incerteza do mar e do peixe e, essa independência, é um traço fundamental para a compreensão das relações sociais na pesca. Por independência entende-se a propensão para pensar e agir, livre da influência dos outros. E como exemplo, Maldonado (1986, p. 33) cita que tal princípio, junto com o individualismo, caracteriza o modo de ser dos pescadores da Flórida (EUA).

A pesca não é considerada apenas arriscada, é também competitiva, o que se deve ao fato de o mar ser considerado patrimônio comum, o que gera um ambiente de concorrência exacerbada, pois todos têm livre acesso ao meio prevalecente na maior parte dos grupos. A forma de divisão ou de delimitação do espaço produtivo no mar é feita através do estabelecimento tradicional de bancos de pesca explorados por um ou mais grupos.

Através do conhecimento dos caminhos marítimos e do comportamento das diversas espécies de peixe e crustáceo os pescadores realizam o acesso aos bons locais de pesca, onde é importante a tendência ao segredo e à ocultação das rotas, comportamento bastante frequente num processo de apropriação simbólica do recurso.

Comumente, o pescador é considerado cético e mal receptivo quanto a informações vindas de fora do seu meio, seja a propósito de modos de pescar seja no que diz respeito ao cooperativismo e ao assalariamento e é mais perceptível nas relações entre pescador e mercado.

Maldonado (1986, p. 34) elenca que:

No caso da pesca, a grande ocorrência de atitudes de suspeita e cuidados para com informações e influências vindas de fora corresponde à independência que os pescadores artesanais tentam manter com relação aos intermediários e armadores. É do interesse dos atravessadores intervir economicamente na pesca autônoma através de relações de clientela, fato este que coloca os pescadores na sua dependência. Para tal, os mecanismos mais difundidos são os empréstimos, o pagamento adiantado e o financiamento de novos instrumentos de trabalho. Geralmente a incorporação das inovações tecnológicas vem responder a esse interesse.

Fato comprovado pela facilitação aos pescadores de botes e equipamentos para que trabalhem para eles, colocando ao seu serviço o conhecimento tradicional que esses pescadores têm do mar (*Idem, lbdem*).



Figura 3: pescadores desalagando canoa. Fonte: José Edes Pereira Morato.

Os traços característicos dos pescadores são equivalentes em grande medida a certas características do mar e da pesca e constituem a sua identidade. Para a autora citada, parecem ser resultantes de uma troca com a natureza, em que a reciprocidade é o princípio orientador da organização do trabalho, presidindo também as relações sociais nas comunidades marítimas, e pela contrapartida do homem aos recursos que o meio lhe oferece, o mar é objeto de profundo respeito.

É válido ressaltar que assim, que essa relação homem/natureza é fundante dos princípios do meio produtivo, como os segredos revelados na ação prática da pesca, na divisão do trabalho familiar, nas relações interpessoais, na

reação à modernização e, especialmente, na relação com outros homens no meio natural, resultando num código moral que compreende, também, a exploração da natureza.

É o que podemos constatar nas entrevistas do próximo capítulo, que nos permitem ver o universo da pesca, as apropriações físicas e simbólicas que os pescadores fazem dos recursos pesqueiros e a forma como eles se relacionam com o meio ambiente.

2.2 Oralidade Cultural

Este trabalho é fundamentado pela metodologia de História Oral. Ao usarmos a história oral de vida dos pescadores para analisarmos os modos de vida daqueles que tem a pesca como sustento na Ilha Grande do Piauí, visamos construir essa problemática. A abordagem qualitativa da história oral de vida é marcada pelas subjetividades, intenções e sentimentos que mostram intimamente a ligação do pescador e a pesca.

Terezinha Queiroz (2006, p. 142) observa que os conceitos de história e de historiografia modificam-se ao longo do tempo. Segundo a autora, essas são as dificuldades e as armadilhas para quem lida com essas temáticas, “visto que o que era considerado história em um determinado momento, difere do que é a disciplina hoje. [...] aquilo que se registrou sobre o passado pode ser visto hoje como história, embora não [...] o fosse no período” (*idem*, p. 142).

Para Terezinha Queiroz (2006, p. 142) importa ao historiador perceber que:

A concepção de história alargou-se de tal forma, o ofício tornou-se tão imperialista, que não conseguimos mais deixar de fora de nosso interesse quase nada da reflexão dos pensadores do passado, embora eles não necessariamente tivessem a ideia de estar praticando a historiografia. A leitura de hoje alarga muito as possibilidades analíticas em relação ao *corpus* das primeiras décadas do século XX e torna imperativo refletir sobre o alargamento dos conceitos e sobre a maneira mesma de conceber a prática historiográfica.

Há que se pôr em causa a relação passado-presente e o alargamento conferido à escrita do passado, na interface com as concepções de história em vigor.

Ao definir historiadores os que escrevem a história presente olhando o passado, Terezinha Queiroz (2006, p. 143) ressalta as características desses historiadores pelas suas semelhanças, como exemplo:

A história era vista não só como lugar de rememoração, de elucidação da verdade, do acontecido no passado, mas igualmente como um lugar de concretização de vinganças. A história, enquanto narrativa, enquanto escritura, era compreendida como elemento eficaz de alteração do curso do próprio processo histórico. Talvez, nunca antes desse período, se tenha acreditado tão firmemente no poder da história, concebendo-se que sua escrita de fato mudaria o mundo, e não era tão somente o seu conhecimento. [...] à produção do conhecimento, e especialmente o conhecimento histórico, que se configura como manifestação de amor à pátria, como exercício pleno de patriotismo, atitude herdada do século XIX, período áureo dos esforços para a construção da identidade nacional.

Dessa maneira os discursos e as representações começam a despertar interesse nos historiadores. Novas categorias sociais são estudadas, privilegiando os até então esquecidos pela História. Para o presente trabalho elegemos os pescadores da Ilha Grande do Piauí como sujeitos enfatizados nessa pesquisa, o estudo desses sujeitos é ainda bastante incipiente, principalmente na área de História.

A região do Delta do rio Parnaíba, é rica de elementos para pesquisa, nessa perspectiva senti a necessidade de trazer para o debate acadêmico, com a presente pesquisa os pescadores de Ilha Grande do Piauí que por muitas vezes passam despercebidos nesse espaço rio em cultura e belezas naturais.

O próprio marxismo acaba sendo reelaborado com a escola marxista inglesa. Edward Paul Thompson é um dos historiadores marxistas que consideram a cultura como uma característica importante da humanidade que não pode ser excluída. Para isso ele institui o conceito de experiência. As experiências humanas são as vivências dos diversos sujeitos.

Para Thompson a estrutura não só consegue explicar o mundo, ele considera como ponto importante a cultura. Por meio do conceito de experiência para esta pesquisa se baseia para compreender a formação dos saberes e fazeres. Os pescadores têm conhecimentos únicos pautados nas suas vivências, eles sabem o tipo de malha correta para pescar um determinado peixe, o período de reprodução dos pescados e os melhores lugares para pescar.

Os saberes são repassados às gerações seguintes através da oralidade. Thompson (2005, p.18) afirma que a “tradição dessas técnicas particulares, dá-se igualmente a transmissão de experiências sociais ou da sabedoria comum da coletividade”. Dessa maneira a formação de um pescador se dá através de ensinamentos dos mais velhos e das suas experiências enquanto profissional do rio e do mar.

Diegues (1983, p. 195) sobre a sabedoria afirma que “os pescadores adquirem não somente pela experiência, mas indo pescar e ouvindo os mais velhos”. Devido nossos sujeitos estarem em uma ilha fluvial-marinha, os mesmos tiveram de se adaptar ao ambiente. Os seres humanos por meio da sua racionalidade tem o poder de transformar a natureza, da natureza são retirados os recursos que as populações se utilizam para sua subsistência. Diferentes sociedades e diferentes contextos humanos apropriam- se dos recursos naturais de maneiras diversas. Um pescador, por exemplo, por estar mais ligado com o meio natural do que uma pessoa que mora em uma grande cidade, entende que para sua sobrevivência é preciso respeitar o tempo natural e as regras ditadas pelo meio ambiente.



Figura 4: pescadores saindo para pesca. Fonte: José Edes Pereira Morato.

Os pescadores artesanais interpretam as regras naturais como fatores preponderantes em suas vidas, “apenas os seres humanos interferem na ordem, no equilíbrio e na evolução natural dos ecossistemas” (BELLIA, 1996, p. 21). Logo ao estudar as comunidades tradicionais, não se deve apartar o elemento humano do

natural, estes dois se relacionam e estão unidos. O ambiente é bem mais do que um organismo que oferece produtos a subsistência desses pescadores. Por ser um lugar com recursos naturais bastante limitados, a ilha se configura de outra maneira se a comparássemos com o continente e suas populações. Ela “é diferente e vive sua vocação na procura das diferenças, afastando-se dos padrões tradicionais da relação população-espaço, e sua população vive num *nicho ecológico particular*”. (DIEGUES, 1998, p. 93). Os habitantes da Ilha Grande do Piauí se adaptaram ao meio ambiente insular e através da observação, os pescadores se apropriaram do pescado enquanto recurso natural necessário às suas vidas.

A maneira que se concebe o corpo também é relativo, o homem, no entanto em sua maioria, deve ser forte, másculo e que represente força, símbolo de masculinidade. “O corpo é socialmente construído, tanto nas suas ações sobre a cena coletiva quanto nas teorias que explicam seu funcionamento ou nas relações que mantém com o homem que encarna” (LE BRETON, 2006, p.26).

Dos pescadores se é exigido força e resistência devido a sua atividade de trabalho. Em uma de nossas entrevistas utilizadas, uma das colaboradoras perguntada se ela se sentia bem pescando, ela nos diz que “[...] não me sinto bem não, por que mulher não é como homem”. A pesca é caracterizada como uma atividade predominantemente masculina, sendo a agricultura um espaço mais propício a mulher. “Se o lar é domínio da mulher e da família, o barco é um espaço masculino” (DIEGUES, 1998, p. 106).

A identidade é conceituada pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2005, p. 17) como dinâmica, a identidade para ele é fruto das intenções humanas. Ela é feita através de escolhas, podendo ser “trocada” quando bem conviessem às necessidades dos sujeitos. Ela não está ligada com o sentimento de pertencimento, “o pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis”. Por muitas vezes o indivíduo se sente “filho” do lugar, mas nem sempre se sente pertencente ao mesmo.

Compreendemos o conceito de identidade como algo construído e Bauman (2005, p. 21-22) nos diz que a identidade se configura “como algo a ser inventado e não descoberto; como alvo de um esforço, “um objetivo”; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protege-la lutando ainda mais”. Os pescadores da Ilha estão

ligados pela sua atividade, esses sujeitos criaram laços de cooperação e auxílio mútuo.

A comunidade é pautada basicamente na solidariedade, a ajuda mútua é um sentimento que liga os nossos sujeitos. Bauman (2003, p. 21) fala que a comunidade é “um seguro coletivo contra incertezas individualmente enfrentadas”. A atividade pesqueira se configura como um trabalho individual os pescadores vivem como uma grande rede de ajuda, embora a necessidade de pescar seja individual os pescadores são uma grande comunidade que partilham o trabalho, as ferramentas de pesca como remos, redes, canoas, e na hora do perigo sempre ajudam os seus companheiros de ofício.

Assim a possibilidade de chegar em casa sem nada é uma realidade presente em sociedades pesqueiras, principalmente se o ambiente estiver muito agredido. O peixe é um animal bastante sensível, e é ligado essencialmente a água, qualquer impacto no rio, pode alterar a saúde do animal, afetando, por conseguinte as pessoas que usufruem da pesca. Logo, quando da necessidade de laços de apoio, os pescadores se ajudam caso algum deles não tenham tido uma boa pescaria, as boas relações entre os vizinhos e principalmente entre os pescadores.

Nesse contexto, a identidade do pescador será sistematizada para enfatizar também a importância do estudo da região, pois a identidade insular é respaldada na cultura patriarcal, aonde o homem é visto como indivíduo mais importante da sociedade ilhagrandense, como apresenta a oralidade serviu como procedimento orientador da pesquisa, já que a existência de fontes escritas e documentais é escassa.

A História oral de vida se configura como um tipo de história aonde são valorizadas as vivências dos sujeitos, os fatos relatados pelos pescadores são considerados verídicos, pois se trata da memória dos colaboradores. Uma vez que os relatos orais tem a mesma legitimidade de um documento escrito, pois a experiência deve “ser o alvo principal das histórias de vida, pois não se busca a verdade e sim a versão sobre a moral existencial” (MEIHY, 2008, p. 146). Ambos contém intencionalidades e interesses de quem os “fabrica”.

Já a tradição oral é compreendida como fatos vivenciados por outras pessoas, estes são repassados às próximas gerações por meio da oralidade, tais fatos constituem as visões de mundo dos sujeitos. Por meio da tradição oral “busca-se entender manifestações a partir do elenco dos mitos fundadores, do significado

do espaço e do tempo, das práticas comportamentais assegurados em referências do passado” (MEIHY, 2008, p. 148).

CAPÍTULO 3

HISTÓRIA ORAL DOS PESCADORES DE ILHA GRANDE DO PIAUÍ.

Este capítulo trata da análise das falas dos pescadores do Delta, suas vivências, experiências obtidas no dia, dia do seu ofício como pescador. Procurou-se evidenciar a História Oral no que diz respeito ao trabalho realizado pelos mesmos e os diálogos repassados de geração em geração, suas vivências e convivências no espaço que ocupam enquanto sujeitos sociais atuantes. Os entrevistados denominam-se Dona Lúcia, filha de pescadores 50 anos, atuante na comunidade como líder, pratica a pesca no Delta, Dona Maria das Graças, pescadora se apresenta principalmente como artesã, Senhor Goberto 60 anos, atua na pesca de rio e de mar, e Senhor Totonho 80 anos pescador aposentado, figura bastante respeitada por todos os pescadores. Para uma melhor apreciação das entrevistas, dividiram-se as mesmas em duas categorias de análise, a saber: o conceito de família; a identidade e o espaço.

3.1 O conceito de família: os pescadores e a comunidade

Um ponto interessante observado nas conversas trata-se do olhar do pescador para sua família. A pesca artesanal muitas vezes difere da pesca industrial por conta desse caráter familiar que a primeira detém. O indivíduo pescador trabalha primeiramente para subsistência de sua família. Um exemplo: algumas vezes o pescador consegue uma boa pesca e dali retira para alimentação de seus filhos. Na pesca industrial isso não aconteceria, pois tudo que é conseguido vai para o comércio. Pode-se observar isto claramente na fala do sr. Totonho: “Alagado dentro do mar de noite pra sustentar minha família, sustentar minhas filhas... Pra não amanhecer o dia e minhas filhas precisarem ir pra casa do vizinho pedindo uma colher de farinha, uma colher de açúcar. Graças a deus isto nunca aconteceu!”. Os antepassados dos entrevistados, e isto foi observado na fala de dona Lúcia, que

também tinham na pesca o meio e o fim para alimentar sua família, conforme se pode observar nas falas:

Aquele pouquinho que ele matava de peixe, ele tirava o nosso de comer e o outro era pra comprar um litro de farinha (dona Lúcia)...todos os meus irmãos vivem da pesca que já aprenderam com meu pai. Meu pai criou a gente pescando (dona Maria das Graças)

Esta fala, junto a anterior, demonstra a capacidade de se reportar ao passado como algo positivo para o povo de Ilha das Canárias. É prazeroso para eles ter essas lembranças, pois ao recordar os mesmos se sentem pertencentes ao passado coletivo. Sua identidade enquanto indivíduo se forma a partir do conceito que eles detém de família e de suas recordações da comunidade. Conforme Odair:

A memória é a evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. É a necessidade humana de conservar na lembrança aquilo que se foi e não retorna jamais. Também é a busca do tempo perdido como nossa primeira e mais fundamental experiência desse mesmo tempo. *A garantia de nossa identidade, de tudo o que fomos, fizemos e somos se projeta no resgate da memória.* Como consciência interna e temporal de passado, presente e futuro, a memória é o registro oral e escrito, das narrativas vinculadas na lembrança do ser humano (2003, p.17) (grifo nosso)

Outro ponto avaliado nesta categoria refere-se ao sentimento dos entrevistados perante o meio onde vivem, pois os moradores enxergam a comunidade como uma extensão de sua própria família e este fato contribui para a construção da identidade deles. Avaliando as transformações que aconteceram nas últimas décadas na comunidade do Delta, vê-se claramente esse pertencimento ao meio e a familiaridade entre os pares:

Apesar de não ter querido que meus filhos estudassem aqui na Ilha, adoro morar aqui! O clima é muito bom, eu gosto desse lugar. Apesar de que hoje tá quente, mas tem dia que é muito ventilado e também você poder usufruir de muitas coisas sem ter que comprar. Por exemplo, o meu marido não pesca, mas é difícil o dia em que eu compro peixe, porque já tem um tio ou um irmão que pesca e manda. Aqui é assim: as pessoas dividem, muitas famílias são unidas, pelo menos na minha nós somos unidos. Meus irmãos pescam e dizem: "Minha irmã, tem peixe, vai na minha casa pegar". As vezes tem um camarão ou outro fruto do mar, nada comprado, tudo partilhado entre

familiares e amigos. Observo que bem aí, em Parnaíba, a coisa é diferente. Depois de quatro anos que os meus filhos tão morando lá, eu vejo o quanto as pessoas são egoístas. (dona Maria das Graças)

A fala da entrevistada informa que a identidade daquela gente, diferente do que ocorre no município vizinho, é mais acolhedora, tal como ocorre numa família. O Delta tornou-se para eles um espaço único. A identidade deles, tal como se conhecem e se reconhecem no outro, foi formada ali, naquele espaço e suas histórias se parecem. De acordo com Odair, “... cada sociedade tem sua historia, e essa se reescreve continuamente segundo as transformações e os questionamentos dessa sociedade” (p.27).

Como diz o ditado popular “Filho de peixe, peixinho é”, na comunidade de pescadores de Ilha Grande do Piauí é bastante comum os filhos tornarem-se pescadores artesanais tal como os genitores. Analisando a grade familiar, percebe-se uma linha que vem atravessando gerações. A arte pesqueira é tratada de forma dual: é uma profissão, todavia ao mesmo tempo é o meio de viver daquela comunidade e encontra-se presente em todas as suas ações cotidianas. As memórias dos pescadores mais antigos demonstram que os hábitos, os meios de pesca, o melhor jeito de preparar e consertar a rede, tudo é herdado do passado e fará parte do futuro das novas gerações. Pode-se observar isto na fala dos entrevistados:

Minha mãe foi muito trabalhadeira e meu pai também. Meu pai vivia só de pescar de linha com meu irmão, e minha mãe de apanhar murici, castanha e trabalhar de roça de arroz (...)Antigamente eu vivia mais de pescar siri, camarão. Eu tenho o meu prontuariozinho de pesca, ali, minha tarrafinha que pega camarãozinho naquela lagoa salgada. Ali não falta camarão. Mas agora eu num tô podendo ir, não. Mas eu gosto de pescar... Quem me ensinou foi meu pai e minha mãe. As meninas também pescam, porque elas pescavam comigo. Mas por enquanto não. (dona Lúcia)

A relação com pais que também exerciam a pesca era o primeiro contato do pescador com esse meio, fortalecendo a ideia de que o repasse pela oralidade era que tinha mais forte para manter o ofício vivo. A pesca é algo vivenciado e aprendido.

Eu mesma cheguei a pescar, com o papai, saúna e outros tipos de peixe. Pescar com caçueira fina. Ia muito com ele, com apenas dez,

onze anos. Às vezes eu chorava pra ele me levar. Ele não queria mas eu acabava indo. A minha mãe dizia pra ele me levar. Até hoje, às vezes, eu ainda pesco, cato caranguejo. (dona Maria das Graças)

Um outro aspecto ser observado além do primeiro contato com a pesca ser com os pais, é o fato que ainda muito criança era feito esse contato, com pais que tinham pouca ou nenhuma escolaridade e as dificuldades de frequentar as escolas onde viviam, fazia com que a pesca fosse algo que fosse ensinado como algo que traria futuramente o domínio de um ofício, além de ajudar os pais no trabalho. Contudo, os entrevistados veem a necessidade da educação para o futuro das novas gerações. Vale ressaltar ainda que a entrada no mundo tecnológico naquele espaço vem alterando os diálogos familiares. Os entrevistados não querem que os filhos passem pelas mesmas dificuldades pelas quais passaram.

Entrei no mundo da pesca desde menino. Com a idade de dez aninhos já segurava o paneirinho de peixe do meu pai, que tarrafiava e eu segurava o paneirinho pra gente pegar aquele peixinho, pra nós trazer pra casa. E pra roça foi do mesmo jeito. Quando eu fui dar uma entrevista no Maranhão e assinar um documento, o desembargador que estava lá mais nós me perguntou: “Seu Antonio, me diga uma coisa, você se lembra o dia em que seu pai lhe levou pra roça?”. Eu digo: “Me lembro. Eu ainda não tinha dez anos de idade quando meu pai me levou pra roça e desde desse tempo eu trabalho na roça. Plantávamos arroz. Minha planta toda vida foi só arroz e a pescaria também foi do mesmo jeito. (senhor Totonho)

Senhor Totonho, além de ter aprendido a pescar com o pai, também ensinou a muita gente como manusear material de pesca artesanal. Ao comentar sobre isso, o pescador cita o genitor e sua forma de falar remete a um saudosismo daquela época.

Ensinei muita gente a pescar, remendar, fazer e entraiar rede. Eu tive um pai que nem o nome ele não escrevia, mas na hora de pescar era bom pescador. E foi um bom pai, me ensinou tudo. Com relação às pessoas que eu ensinei a pescar, faço que nem o dizer de Camões: “Quem faz, se lembra, e quem recebe, se esquece”. Tem muito deles aqui que me chamava... “Rapaz, rasguei minha rede, o que eu faço?”. Aí eu dizia: “Rapaz, deixa a rede aí que eu remendo”. (senhor Totonho)

O conhecimento do pescador está totalmente ligado aos conhecimentos adquiridos por meio de seu ofício, o pescador se orgulha em mostrar que domina

técnicas que poucos desenvolvem bem, um conhecimento que não é menor que o científico, pois é um conhecimento carregado de técnica e domínio que só o pescador tem.

Estudei até a quarta série. Para mim, o estudo é melhor. Eu digo isso para qualquer um pescador que existe no nosso Brasil, se você é pescador, pare e vá estudar. Porque o estudo gera dinheiro. Ali você vai ter o vestibular, você vai ser tudo de bom na sua vida, vai ser coisa grande meu amigo! Para pescar, você sabe como é pescar, mas na hora da caligrafia, na hora de bater, você é um burro!! Então vá lá, faça o seu trabalho, estude, e vá chegar até o que você quiser. (senhor Goberto)

Apesar de que aqui tem meus familiares, todos os meus irmãos vivem da pesca que já aprenderam com meu pai. Meu pai criou a gente pescando, mas eu sempre sonhei com um futuro melhor para os meus filhos. Sempre fiz esforço, trabalhei muito, para que eles estudassem um pouco em Parnaíba e em uma cidade próxima, os Morros, para que eles um dia se formassem, tivessem uma profissão melhor que a minha e a do pai deles. Estamos conseguindo, é um trabalho em conjunto. Eu estou feliz! (dona Maria das Graças)

As novas possibilidades fazem com que os moradores mudem seu pensamento em relação ao estudo, como algo positivo e de mudança. As falas das mulheres são mais contundentes, suas memórias e expectativas em relação à família também. Como diz o texto “Tradição oral, memória e gênero: Um comentário metodológico”, de Adriana G. Piscitelli:

São as lembranças das mulheres as que se relacionam com o domínio da família, da vida privada e doméstica. Estas perspectivas afirmam que a memória feminina estabelece referências temporais associadas ao ciclo familiar, diferenciando-se da masculina, que é datada com precisão. Afirmam também que as lembranças das mulheres temas integrados num domínio no qual o afetivo e o individual são fundamentais[...]

3.2 Identidade e a relação com ao espaço.

Reconhecer o espaço no qual pertence, gera no indivíduo ideias diversas, entre elas a questão de sobrevivência de seus costumes e a valorização do espaço de modo econômico para própria sobrevivência. Isso gera o pensamento, nas

peças que habitam a parte interiorana do Estado do Maranhão, de valorização de quem são e porque continuam vivendo em um espaço que gera pouca renda. Visto que o valor sentimental e cultural se destaca como um forte motivo para continuar vivendo em uma localidade, pois muitas entre elas têm pouco a oferecer. Esse episódio concretiza-se nas falas dos entrevistados, porquanto apresentam uma visão particular do que a terra lhe representa.



Figura 5: Canoas a espera dos pescadores. Fonte: José Edes Pereira Morato.

Para Totonho é um lugar de laços familiares quase uma ligação de pacto, na qual a vida do outro é mais importante do que a dele. Percebe-se ainda como ele não poderia viver em paz e deixar a mãe para trás: “Minha vida foi pescar e trabalhar de roça. Isso aqui foi minha vida. Meus irmãos me convidaram pra ir pra fora; não fui porque tinha minha mãezinha aqui, eu tinha que cuidar dela. Esta foi minha razão maior que tive de nunca ir embora”.

Já para Goberto é percebido como um espaço de oportunidades: “Mas eu digo uma coisa: Canárias é um lugar hospitaleiro. Canárias é um lugar de gente boa. Canárias hoje tá evoluindo numa comunidade grande, porque até aqui tem energia”. Continua reforçando seu apego a terra, apesar de suas limitações econômicas.

Eu digo a todos que essa época, para mim, foi uma época muito difícil, porque eu tão pequeno e ia enfrentar um alto mar desse aí ! Eu não sabia nadar, não tinha nem vocabulário para fazer nada na minha vida. Mas como via todo mundo ganhando seu dinheirinho, eu também queria ganhar. Comecei pescar sozinho, de livre e espontânea vontade! Aí eu veleei, sabia que ali era um campo que ia me dar dinheiro, aquele campo ali ia me dar dinheiro . Só que era um campo muito difícil! Um campo criminoso, porque se você não souber

nadar lá, você vai morrer. Então, eu digo o seguinte a cada um dos amigos meus que moram em Canárias: “Se não souber nadar, não enfrente o mar! Lá é um sistema dum cemitério... Você vai lá, só vai falecer, e você não sabe se encosta ou se enterra num cemitério (senhor Goberto).

Outra entrevistada reconhece a terra como um espaço seguro e tranquilo. Provavelmente entende as políticas sociais como uma conquista que ocorreu com o passar dos dias, situação não vivenciada no passado:

Morar aqui é uma maravilha, uma maravilha mesmo! Tem tudo de bom! Depois que chegou a luz, aí foi que melhorou. E depois que chegou o Bolsa Família do “pai Lula”, melhorou ainda mais! Agora a “tia Dilma” no poder, melhor ainda! Que é nota dez, você tá entendendo? Tudo melhorou, você acredita? De tudo, de tudo. Nós chamamos é o “pai Lula” e “a mãe Dilma”! (dona Lucia)

A nova realidade religiosa da localidade mudou significativamente com as diversas tecnologias presentes também nas áreas interioranas. Sem falar na desvalorização do clero que não atua, mas como no passado, fato impactante para os moradores mais tradicionais, na qual esperam comportamento diferente do que acontece hoje.

O pessoal aqui agora é metade católico. Antigamente aqui dava uma festa que você nem sabia, uma festa que juntava assim digamos, três mil pessoas! Hoje, se você ver uma festa aqui, dá duzentas e cinquenta, trezentas pessoas, se der. O povo deixou o festejo por responsabilidade do presidente da igreja. No último dia tem procissão, o padre vem... A festa tá boa! Mas naquela época, dava mil e duzentas pessoas! Hoje, só vem trezentas. Quando o padre passa aqui, na igreja tem vinte e cinco pessoas, o pessoal tá tudo na festa, dançando, rodando, bebendo... Aqui não tem festejo. Aqui o festejo é a festa. Não existe missa; missa aqui é só na última noite. Na última noite a igreja lota, tem a procissão e é assim. Para mim, é uma coisa muito ruim porque a comunidade, ela tem que se reunir, para fazer uma festa em prol do santo. Tem nada a ver com a festa aqui. Se pelo menos eu, Goberto, cheguei numa festa e dancei de noite, de dia eu vou participar da minha procissão, a santa missa lá. Então, a festa de São João não é a festa de São João. O que é a festa de São João? É a santa missa e a procissão. O pessoal não tem consciência disso. É a bebida e a festa que eles vão dançar lá. O festejo aqui para eles é a bebida, não festejo nem missa. (senhor Goberto).

Para Totonho as festas do santo seriam mais importante do que qualquer outra coisa. Para ele o foco da festa do santo não se apresenta mais como no passado:

Os festejos de antigamente pros de hoje têm muita diferença! Eu vou lhe dizer: de certos anos pra cá, a igreja virou assim uma instância quase de comércio. Não me envergonho de dizer isso, não! Antigamente você via o festejo todo direitinho, certinho. Se um festejo que nem esse de hoje que a derradeira noite vai ser de domingo pra segunda, o povo que comandava a igreja ordenava a igreja, ia lá falar com o padre: “Padre, vamos concordar... Aqui o dia é segunda feira mas vamos fazer a festa de sábado pra domingo. Hoje não, hoje é um caso. Naquele tempo era festa boa, festejo bom! Se brincava a noite todinha não se via zoada de conversa, de chafurdo nem de nada. Os festejos eram bons!

O entrevistado Totonho insiste em descrever como ocorriam os festejos no período em que era jovem:

A festa de dança era boa também, o leilão, tudo era muito bom, vinha muita gente . Tinha o leilão, onde você botava joias em cima de uma mesa e gritava. Aquele leilãozinho praquela igreja. É um bolo, um assado, uma fruta, um cacho de banana, um cacho de coco, um assado de um pato, de uma galinha. Essas prendas a gente doa, os bichos de casa a gente dá. Agora outras coisinhas que nós não temos aqui, a gente tem que comprar na Parnaíba. E aquilo é uma ajuda. (senhor Totonho).

Seguindo essa ideia demonstra seu descontentamento sobre as mudanças presentes no festejo de maneira crítica:

Hoje não, que eu não vou mais na igreja... O que é de verdade, eu digo logo!... Mas no meu tempo, da casa do meu pai saía a jóia, mas nós mesmos íamos arrematar aquela jóia. Arrematávamos também outras joias. Aqui de casa ainda vai, mas eu não posso ir. Mas vai gente daqui e arremata, e assim a gente dá e a gente mesmo arremata. Estamos ajudando duas vezes. Agora mesmo chegou uma mulher aqui chorando que disse que tinha uma despesa pra fazer no leilão e não tinha um tostão. Eu perguntei: “Cadê o dinheiro da igreja?”. Ela disse: “Não tem nenhum tostão”. Mas, rapaz, que confusão é essa aí?! Eu fui ali dentro, peguei um trocado, porque caboclo não tem dinheiro! Se você vê caboclo besta dizer que tem dinheiro é um mentiroso... Peguei um trocadinho e lhe dei bem aí nesse portãozinho: “Taí, pra você comprar as coisas pro leilão”. Ela disse: “Depois eu lhe pago”. Eu disse: “Não, não precisa pagar, mas

é pra levar pra comprar o que precisa lá”, e ela saiu com os olhos cheio d’água, foi se embora... A igreja do meu tempo era de um jeito a de hoje é de outro. No meu tempo eu queria que você visse a nossa igreja da ilha das canárias, hoje a gente baixa a cabeça não quer nem olhar pro teto, é vergonhoso, no meu tempo nós trazíamos madeira da Parnaíba pra botar dentro da nossa igreja. Nós trazíamos lá dos Araisos, lá dos Morros da Mariana pra fazer nossa igreja. Eu mesmo cansei de ir buscar, cansei de trazer madeira pra nossa igreja. Hoje muitos não vão buscar porque não têm dinheiro pra fretar um motor. Nós ía era remando de canoa que nesse tempo não tinha lancha, não tinha motor. Tinha as canoas... Nós botávamos as velas e ia, de lá pra cá... Vinha remando com remo até nós chegarmos no porto... Ninguém nunca disse assim: “Eu não vou”. Tinha vez que queria ir de nove, dez, mas não dava porque tinha que ficar alguém descansando pra descarregar a canoa. (senhor Totonho)

O seu totonho mostra como é visto a participação atual nos festejos e apresenta seu descontentamento com a participação dos mais jovens, fazendo uma comparação com os tempos em que ele mesmo participava. Com outra entrevistada os aspectos religiosos são apresentados de forma positiva, pois nestas comunidades os festejos são aguardados com ansiedade durante todo o ano conforme sua fala:

Nosso Festejo aqui é muito animado! Agora dia 15 vai começar. Esse ano vai de domingo a segunda. Essa pracinha aí, fui eu que fiz, pedindo. Eu também fiz a igreja que vocês tão vendo. Saí pedindo, fazendo leilão, fazendo bingo. Também fiz aquela casinha ali, do padre, mais a mamãe, só fazendo bolo, vendendo e fazendo bingo e tudo. A derradeira pedra quem deu, aquelas pedras lá da praça, setenta pedras, foi um homem de Teresina. Mas eu num pedi pra ele não! A gente tinha terminado aqui, aí um dia ele veio e vi ele passar... Eu tava sentada ali, aí ele veio e disse assim: “D. Lúcia, eu vou mandar forrar essa Igreja”. Eu fui e falei: “Não! Forrar a Igreja num dá. Você sabe por quê? Porque o teto dela não é bom pra forrar, tem madeira estragada”. Aí ele meteu a mão no bolso e me deu mil reais. “Tá aqui pra senhora mandar botar a madeira que tá faltando. (dona Lucia)

A marca da fé cristã supera os problemas políticos que fazem parte da igreja católica, como bem descreve a entrevistada:

Recebi duas graças. Que quando foi pra mim fazer a praça eu disse assim, pedi pra Deus: “Eu tenho fé em Deus, que na primeira noite de São João, essa praça tá pronta.” Os homens disseram assim: “É mesmo, Dona Lúcia, será?”. Eu disse: “Tá, Zé Raimundo, será que é por que eu seja mulher que esse serviço não tá pronto?”. Aí ele achou graça! “Pois ta, meu filho.” Aí no dia da inauguração, porque

toda coisinha tem que ter uma inauguração..., No dia da inauguração, eu disse assim: “Meu Deus, me mostra um milagre! Que amanhã esteja tudo nublado, num esteja chovendo”. Vocês acreditam, como há Deus no céu, passou o dia todinho nublado e não choveu?! Então, foi duas graças que eu recebi... Agradeço muito a Deus e taí a praça prontinha!...

E quando se trata das relações de educação dentro da comunidade, surge um embate que ultrapassa décadas. Essa realidade vem se apresentando positivamente com um entre os moradores das Canárias entrevistado. Apesar de algumas pessoas continuarem presas em questões de tradição, em ter que passar de pai pra filho sua profissão, para esses é a única oportunidade de sobrevivência, quando não se tem estudo.

Estudei até a quarta série. Para mim, o estudo é melhor. Eu digo isso para qualquer um pescador que existe no nosso Brasil, se você é pescador, pare e vá estudar. Porque o estudo gera dinheiro. Ali você vai ter o vestibular, você vai ser tudo de bom na sua vida, vai ser coisa grande meu amigo! Para pescar, você sabe como é pescar, mas na hora da caligrafia, na hora de bater, você é um burro!! Então vá lá, faça o seu trabalho, estude, e vá chegar até o que você quiser. Naquela época, em 82,83, nossos pais não tinham condição de educar a gente, tinha que ir era pescar. Ali você ia para a roça, para a lama, cortar um arroz, arrancar uma mandioca, você tá entendendo? Você ia fazer tudo aquilo que precisava fazer. Não tinha como nós ir a um colégio... Colégio para que, meu amigo?! Hoje tá acontecendo aqui no nosso Brasil e muita coisa aqui no nordeste... Hoje, estão tirando o leite do gado. Se não tirar o leite do gado, então quando ele tá tirando o leite do gado, ele não pode estudar... No nosso Brasil, existem muitas pessoas e muitas pessoas que estão lutando pela educação melhor. Aí eles vão dizer assim: “Meu Deus, por que eu não estudei?! Tanta gente aí sendo médico, sendo advogado e por que eu também não fui?”. Por que você não estudou, seu pai não lhe deu essa educação para você estudar. (senhor Goberto)

Para uma das entrevistadas o assunto relacionado a educação é frisado em apenas uma frase: “Pra comunidade melhorar falta estudo”. Dado esse em que é entendida a ausência de um setor educacional é o responsável pelas dificuldades que a comunidade passa até hoje.

Entende-se que, as narrativas feitas pelos entrevistados são importantes para descrever o que realmente as pessoas pensam sobre si, sobre o outro, e, principalmente sobre o espaço na qual fazem parte necessário para a construção de sua história e de sua identidade. Segundo Odair (2003, p.):

Sendo o homem fazedor de História e, portanto, não existindo ela sem o homem, História é acontecimento. É o estudo das transformações sociais, o entendimento da realidade humana em todas as suas dimensões. O homem sendo um ser finito e temporal, possui História, pois vive em determinado tempo, pois vive em determinado espaço físico geográfico, em determinado tempo, e nesse espaço e nesse tempo age em relação à natureza e aos outros homens, produzindo acontecimentos ou fatos, criando o seu caráter histórico.

Um ponto interessante relatado nas entrevistas é a questão da morte. A relação do morador das Canárias em relação a morte é um fato quase inseparável, diria comum entre eles. Suas consequências, para alguns impactante, para outros natural. Segundo senhor Goberto, “Aqui na nossa baía nunca aconteceu de morrer gente, mas eu mesmo já encontrei gente morto aqui, que vem da Barra Grande. Já sepultei gente morto aqui, mas com nós não! Nunca aconteceu isso”. Pode-se observar duas ideias aqui: a de que a identidade como morador faz com que se tenha a intenção de mostrar uma ideia positiva da ilha mostrando que não existe morte por afogamentos e outra ideia é a do imaginário negativo da morte por afogamento, mostrando que na Ilha não há esse tipo de situação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo da pesca é rico em significados, dentro dessa pesquisa busco apresentar os modos de vida e cultura dos pescadores do Delta. Olha para os pescadores é enxergar o próprio Delta do rio Parnaíba, muito os aspectos ainda podem ser observados e analisados, esta pesquisa não esgota o que ainda pode ser observado sobre os pescadores.

A pesca Artesanal sempre foi praticada na cidade, pois desde sua fundação, já existiam pessoas que pescavam na lagoa para sobreviverem, sendo assim anterior à plantação do arroz. Com as mudanças na cidade muito da vida do pescador foi se modificando, mas sua marca que a ligação com a natureza e principalmente com a região ainda são bastante vigentes.

Abrir as portas para a pesquisa na área é deixar o mundo invisível do pescador, sendo essa região rica em cultura pesqueira, porém pouco ainda pouco explorada pelo mundo acadêmico. A Ilha Grande do Piauí sendo a segunda maior ilha do delta do rio Parnaíba, tem a visibilidade da cultura negligenciada, essa muitas vezes é vista apenas como uma entrada para o Delta, mais precisamente o porto dos Tatus, por esse que para os pescadores é visto pela importância da comercialização do seu pescado, pois é onde aportam suas canoas e vendem ou trocam seu peixe.

A exploração do turismo que trouxe a invasão de um espaço que era somente um local de busca do peixe, trouxe muitas mudanças nos modos de vida do pescador, a poluição, o grande fluxo de embarcações, que causaram a diminuição dos peixes, a entrada de empreendimentos que privatizam espaços que antes eram de uso comum dos habitantes dos rios, deixam um grande questionamento acerca do espaço que hoje ocupa o pescador, antes o grande dominador do espaço, agora atração turista do maior delta das Américas.

REFERÊNCIAS

ANTONACCI, Maria Antonieta. **Reservas extrativistas no Acre e biodiversidade: relações entre cultura e natureza**. Projeto História. 18, São Paulo. 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BELLIA, Victor. **Introdução à Economia do Meio Ambiente**. Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA. Brasília, DF. 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1992.

CASTELO BRANCO, Pedro Villarinho. **História e masculinidades: a prática escriturista dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX**. Teresina: EDUFPI, 2008.

DIEGUES, Antônio Carlos. **Ilhas e mares: simbolismo e imaginário**. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____, Antônio Carlos. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo: Ática, 1983.

GUZZI, Anderson(Org.). **Biodiversidade do Delta do Parnaíba: litoral piauiense**. Parnaíba: EDUFPI, 2012.

LE BRETON, David. **A Sociologia do corpo**. Petrópolis, Vozes, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Palavras aos jovens oralistas: entrevistas em História oral**. Revista Oralidades, n.3, 2008.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História oral, caminhos e descaminhos. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13, n. 25/26, set. 1992/ago. 1993, p. 55-65. (Memória, história e historiografia – Dossiê Ensino de História, AMPUH; Marco Zero).

PÁDUA, José Augusto. **As bases teóricas da história ambiental**. Estudos Avançados, v. 24. n. 68, 2010.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1999.

SAQUET, Marcos Aurélio. O território: diferentes interpretações na literatura italiana. In: RIBAS, A. D.; SPOSITO, E. S.; SAQUET, M. A, **Território e desenvolvimento: diferentes abordagens**. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.

SITTON, Thad; MEHAFFY, George; DAVIS JR, O. L. **História oral: um guia para professores (y otras personas)**. México: Fondo de Cultura Econômica, 1995. p 9-32. [Tradução das autoras].

THOMPSON, Edward Paul. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Fontes Orais:

ROCHA, Maria de Jesus Sales. Pescadora, 55 anos. Entrevista concedida a Pedro Vagner Silva Oliveira, no dia 16 de Junho de 2013.

SILVA, Manoel João. Agricultor aposentado, 76 anos. Entrevista concedida a Pedro Vagner Silva Oliveira no dia 23 de Dezembro de 2012.

NASCIMENTO, Maria de Jesus. Pescadora aposentada, 75 anos de idade. Entrevista concedida a Luiz Alves da Silva Junior, Pedro Vagner Silva Oliveira, Victor da Silva Mendes e Thalita do Nascimento Souza no dia 22 de Junho de 2013.

Fontes Escritas:

Caracterização da unidade e temas complementares: Reserva Extrativista Marinha do Delta do Parnaíba. ICMBio, MMA, Brasília, 2009.

Caracterização dos ecossistemas costeiros dos Estados do Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí. MMA, Natal, 1999.

Dados de cadastramento da Colônia Z-07 – Ilha Grande do Piauí